

## MULHERES EM REVISTAS: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA REVISTA ILUSTRADA *FON-FON!*

### WOMEN IN MAGAZINES: FEMALE REPRESENTATIONS IN THE *FON-FON!* ILLUSTRATED MAGAZINE

Jeferson Cruz\*

#### RESUMO

*A proposta desse artigo é compreender de qual maneira as mulheres eram representadas na revista ilustrada Fon-Fon!, semanário carioca que circulou entre 1907 e 1957. Buscou-se, inicialmente, compreender a relação entre a mulher e a cidade, para, assim, entender como se deu a criação da “mulher moderna”, tão devassada pela revista em suas matérias e fotografias produzidas pelos seus cronistas e fotógrafos, que dedicavam seus dias a tecer olhares sobre as cidades, que passavam pelo processo de modernização e urbanização, como também sobre os transeuntes, principalmente os do sexo feminino. Buscou-se, ainda, compreender as fotografias de mulheres vinculadas ao folhetim e quais eram seus significados na sociedade urbana da época, dominada pelos homens.*

**PALAVRA-CHAVES:** *Fotografia. Mulheres. Revista. Representações.*

#### ABSTRACT

*The purpose of this article is to understand how women were represented in the illustrated magazine Fon-Fon!, a carioca weekly that circulated between 1907 and 1957. Initially, we sought to understand the relationship between women and the city, in order to understand how their the creation of the “modern woman” so explored by the magazine in its articles and photographs, produced by its chroniclers and photographers, who dedicated their days to weaving views over the cities that were going through the process of modernization and urbanization as well as by the passers-by, especially those in the women. It was also sought to understand the photographs of women linked to the feuilleton and what were their meanings in the urban society of the time, dominated by men.*

**KEYWORDS:** *Photography. Women. Magazine. Representations.*

---

\* Professor substituto da rede pública de ensino do Estado de Sergipe. Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: jeferson.augscruz@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Um “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”: assim a revista ilustrada *Fon-Fon!* se definia para os seus leitores e leitoras em seu número inaugural, no ano de 1907. O início do século XX foi um momento de transformações em diversos setores da sociedade, mas foi no âmbito das cidades que essas mudanças se materializaram, por meio de reformas urbanas espalhadas pelas capitais brasileiras.

Nesse contexto, as revistas ilustradas serviram como canais de comunicação e disseminação do processo modernizador ocorrido nas cidades brasileiras; ao mesmo tempo, os periódicos foram responsáveis por apontar o lugar das pessoas na sociedade republicana, que ainda reverenciava valores estéticos e culturais da monarquia abolida. Criar, ou melhor dizendo, inventar tradições<sup>2</sup> era necessário em um momento em que a busca pela nacionalidade era trazida à baila nas discussões.

Naquele período, as mulheres denominadas “modernas” começaram a circular no espaço urbano, local dominado pelos homens. De acordo com Perrot (2005, p. 269), a “direção da Cidade só pode ser masculina, e conseqüentemente a política”. Mas as mulheres burguesas e populares buscaram se inserir no espaço citadino, as primeiras como ícones da modernidade e as últimas como transgressoras da moral e dos bons costumes.

Este trabalho busca analisar as representações femininas nas fotografias veiculadas na revista *Fon-Fon!*. Para tanto, se fez necessário refletir sobre a relação entre o feminino e a cidade, para entendermos como o referido folhetim representava esses elementos em suas páginas e como tal relação era tecida, no âmbito urbano, no início do século passado.

## 1 CIDADE E MULHER: CONTRADIÇÕES E SEMELHANÇAS

No início do século XX, a promessa de vivenciar o que muitos chamavam de progresso e modernidade era uma das bandeiras da república recém instaurada no Brasil. A materialização desses ideais se dera, a princípio, nas reformas urbanas capitaneadas pelo Rio de Janeiro, então capital federal, mas logo se espalhariam pelas capitais dos estados e por grandes centros urbanos.

O espaço urbano se tornava convidativo e inúmeras propagandas foram feitas para que as pessoas deixassem o recôndito dos seus lares e buscassem conhecer os novos ares das urbes “modernas”. Há uma ruptura entre a casa e a rua. Os lares deixam de ser “prisões domésticas” e se abrem para o

---

<sup>1</sup> *Fon-Fon!* foi uma revista ilustrada semanal carioca, fundada em 13 de abril de 1907 e extinta em agosto de 1958. Jorge Schmidt, editor-proprietário dos periódicos *Kosmos* e *Careta*, criou a *Fon-Fon* com o objetivo de dispor de uma publicação mais leve e rentável. O cartunista e poeta Emílio de Meneses foi quem deu nome à revista. Quando fundada, a revista trazia um chofer chamado Fon-Fon como personagem principal, o que reforçava a ideia de uma publicação identificada com valores da modernidade (Cf. Verbete Fon-Fon no *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2015).

<sup>2</sup> De acordo com Hobsbawm (2015, p. 7), “o termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca definido. Incluí tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez”.

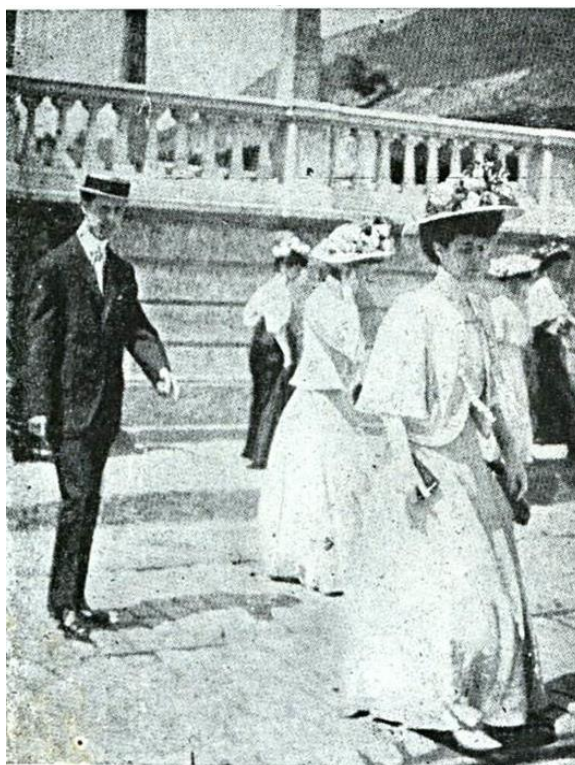
exterior. No entanto, a ruptura entre o público e o privado não foi algo fácil de ser realizado, como salienta Perrot (2005, p. 269):

A separação das esferas é muito mais sutil do que parece. Não somente exclusão, enclausuramento, fechamento; mas também distinção, utilização, limites. Por outro lado, não há adequação entre os sexos e as esferas. Nem todo o público é masculino, ou o privado é feminino. A espacialização faz fortemente o seu papel, no entanto, ela não comanda tudo. O exercício do poder não se reduz evidentemente a uma geografia.

Em um espaço urbano totalmente masculino, se fazia necessário impor limites às mulheres que passaram a circular em tais lugares, impondo-lhes condições para que pudessem andar pelas artérias da cidade moderna. Com o público feminino presente nas ruas, os cronistas tecem analogias, comparando a beleza das mulheres com a urbe modernizada, pois, como explica Oliveira (2008, p. 205), “cidade e mulher eram sexualizadas e adornadas porque pareciam ser as estrelas que brilhavam com a modernidade”.

É válido frisar que, mesmo orbitando na esfera pública, até então reservada aos homens, as mulheres tidas como honestas – ou, melhor dizendo, de famílias burguesas – não deveriam circular desacompanhadas pelas ruas. Por ser um espaço dominado por homens, as ruas ainda representavam perigo ao público feminino. A fotografia disposta como Imagem 1 mostra tal situação.

Imagem 1 – Fotografia das Senhoritas Guinle acompanhadas de um dos seus irmãos.



Fonte: Revista *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 1907

Era preciso a companhia masculina, que tinha a missão de protegê-las dos infortúnios que as ruas, porventura, pudessem oferecer. Na fotografia exposta na Imagem 1, duas irmãs passeiam pelas ruas do Rio de Janeiro,<sup>3</sup> tendo a companhia de um irmão. Sobre essa condição imposta às mulheres, diz Soihet (2008, p. 365):

Com base no comportamento feminino dos segmentos médios e elevados, acresce em relação às mulheres as prescrições dos juristas acerca da impropriedade de uma mulher honesta sair só. Coadunava-se tal norma com a proposta burguesa, referendada pelos médicos, sobre a divisão de esferas que destinava às mulheres o domínio da órbita privada e aos homens, o da pública. Embora as mulheres mais ricas fossem estimuladas a frequentar as ruas em determinadas ocasiões, nos teatros, casas de chá, ou mesmo passeando nas novas avenidas, deveriam estar sempre acompanhadas.

A mentalidade burguesa e patriarcal do início do século XX se aliava, pois, a recomendações jurídicas que impediam a mulher de sair de suas casas desacompanhadas de uma figura masculina. Ao mesmo tempo, essas sugestões se alinhavam a pareceres médicos que delimitavam os espaços entre mulheres e homens. Para os homens que escreviam, para elas os lares, os espaços privados, eram seus domínios, enquanto o masculino reinava sobre as ruas. Nesse contexto, surgem, de acordo com Oliveira (2008, p. 204), “duas ideias historicamente contraditórias: cidade e mulher”. A autora explica o motivo dessa contradição:

Como sabemos, o espaço urbano sempre foi local voltado para o universo masculino, para as ações do homem. Desde a *polis* grega, o espaço público é por definição masculino: a participação na ágora, ou seja, na vida pública, sempre foi um exercício masculino e nunca feminino. A mulher, pelo contrário, - com algumas exceções, naturalmente - se voltava para o mundo privado, doméstico, como senhora e dona do lar, e sua imagem, permanentemente relacionada à essência das forças da natureza, como potência fertilizadora e procriadora. Assim, parece-nos que, historicamente, o elemento masculino sempre foi símbolo do universo urbano, tomando como sinônimo de cultura, enquanto a mulher era encarada como símbolo das forças da natureza (OLIVEIRA, 2008, p. 204).

Por ser um espaço reservado aos homens, era impensável, até então, o trânsito constante de mulheres pelo centro urbano, primeiro por este ser considerado lugar perigoso para o “belo sexo” ou o “sexo frágil”; ao mesmo tempo, a cidade era interpretada tomada como um lugar de perversão para as mulheres das camadas populares. No entanto, a modernidade vivenciada através das reformas urbanas deu um novo panorama para as esferas pública e privada: “o espaço público, antigamente submetido à autoridade, passou a ser compartilhado com o elemento feminino” (OLIVEIRA, 2008, p. 204). A mulher se tornou figura importante para o cenário urbano naquele momento. Destaca Oliveira (2008, p. 205):

Cidade e mulher são fruto de uma mesma natureza pródiga. Essa natureza pródiga, unida a uma natureza controlada, torna-se civilizada. Daí que, as reflexões em torno de uma imagem sobre a “cidade-capital elegante”, unida à ideia de mulher moderna e sedutora, apontavam para um conjunto de ideias em torno do feminino que

<sup>3</sup> Nesse período, a então capital federal havia passado por reformas urbanas idealizadas pelo então prefeito Pereira Passos com o intuito de transformá-la em uma Paris nos trópicos (Cf. NEEDELL, 1993).

promoviam uma imagem da cidade como uma “bela mulher”. Ambas eram frutos da beleza da civilização moderna. Essa imagem de “cidade-mulher” se apoiava em um discurso que tinha suas raízes em uma percepção *fin-de-siècle* sobre o feminino e sobre a cidade, na qual ambas representavam objetos que despertavam os sentidos. Cidade e mulher eram sexualizadas e adornadas porque pareciam ser as estrelas que brilhavam com a modernidade.

A relação entre mulher e espaço urbano era, na maioria das vezes, sexualizada pelos cronistas da época, que viam na figura feminina “moderna” uma fonte de inspiração e de desejos lascivos dos soberanos das ruas da cidade, os homens. Uma urbe excitante deveria ter figuras femininas que a ela fizessem jus. Surge uma nova imagem de mulher em decorrência dos deslocamentos do feminino do ambiente doméstico para o público, fazendo com que, no pensamento masculino, as mulheres que flanavam “livremente” pela cidade fossem apreendidas como “deusas conquistadoras que passavam a ocupar um novo lugar na sociedade masculina” (OLIVEIRA, 2010, p. 203),

De acordo Maluf e Mott (1998), tais situações, novas até então, não foram bem vistas por parte da sociedade:

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que fizesse necessário. Dada a ênfase com que contemporâneos interpretaram tais mudanças, parecia ter soado um alarme (MALUF; MOTT, 1998, p. 368)

Maluf e Mott atentam para um ponto importante: durante o período abordado não era comum que mulheres de famílias abastadas circulassem pelas ruas da cidade, pelos motivos já citados anteriormente. As cidades eram tomadas como símbolos de uma modernidade nascente, mas setores conservadores não viam as mudanças com bons olhos. Eles viam a cidade como um ambiente, digamos, hostil às mulheres de elite, que, nela, poderiam ser comparadas às mulheres pobres, vítimas de repressão por vagarem sozinhas pelas ruas.

Assim como às mulheres burguesas, às mulheres das camadas populares era também recomendado que não circulassem sozinhas pelos espaços urbanos. Entretanto, a necessidade de trabalhar tornava impossível, a esses últimas, seguir tal recomendação, como afirma Soihet (2008, p. 365):

A rua simbolizava o espaço do desvio, das tentações, devendo as mães pobres, segundo os médicos e juristas, exercer vigilância sobre suas filhas, nesses novos tempos de preocupação com a moralidade como indicação do progresso e civilização. Essa exigência afigurava-se impossível de ser cumprida pelas mulheres pobres que precisavam trabalhar e que para isso deviam sair às ruas à procura de possibilidades de sobrevivência.

Havia diferenças pontuais entre as mulheres ricas e pobres presentes nas ruas das cidades: as primeiras eram vistas como símbolos de uma modernidade nascente, que equacionavam a cidade com as cidades europeias, ao dotar essas cidades de ares cosmopolitas europeus; as outras eram reprimidas

por suas origens humildes e carregavam um ônus decorrente do processo de modernização e urbanização das cidades, pois, frequentemente subjugadas e excluídas, nem todas tinham condições de vivenciar os ventos do progresso.

Para analisar a relação entre cidade e mulher, no início do século passado, é necessário apontar para o fato de que o espaço urbano, hostil para o público feminino, serviu de base para os cronistas da época descortinarem a vicissitudes femininas do período. Vimos como, mesmo sendo um símbolo da modernidade urbana e do desejo do público masculino, senhores das ruas, as mulheres burguesas não tinham total liberdade para andar pelas artérias urbanas sozinhas, tal qual as mulheres pobres; mas, diferente destas últimas, elas não sofriam violência física ou outras agressões. Todavia, ambas estavam presas às contradições (ou tradições) a elas impostas nas cidades, vivenciando, assim, uma relação dual que contemplava liberdade e encarceramento.

## 2 MULHERES, REPRESENTAÇÕES E REVISTA ILUSTRADA

Agora até as mulheres estão mais lindas. Outras devem ser as causas desta espécie de renascimento do nosso mundo feminino. Para mim, a mulher carioca de hoje, sofre, com a Cidade, os efeitos da civilização [...]. Ora se a cidade e o homem ganharam com a civilização era natural que a mulher também aproveitasse desse delírio de renovações. E a aproveitou em beleza e elegância.

(*Fon-Fon!*, Ano 1, n. 6, Rio de Janeiro, 15 abr. 1914)

Com a modernização do espaço público, surgia uma nova mulher, capaz de aproveitar as “benesses” que a modernidade oferecia à cidade. Os cronistas da *Fon-Fon!* saem pelas ruas em busca desse ideal feminino, de imagens de mulheres que pudessem representar a cidade modernizada:

As mulheres estampadas nessas publicações aparentemente viviam uma nova subjetividade, uma vivência que as situava não como objetos do desejo masculino, e, sim, como sujeitos ativos na construção de um novo mito que envolveu a sua imagem. Mito que tendeu a posicioná-las como um ser transgressor, e por isso mesmo perigoso e desconhecido, portanto, provocador de medos e de ansiedades (OLIVEIRA, 2010, p. 207).

As mulheres ajudaram na construção do ideal de modernidade nas cidades brasileiras. Por isso a busca incessante por imagens fotográficas dessas musas urbanas era uma missão dada aos cronistas, fotógrafos e repórteres da *Fon-Fon!* A fotografia disposta na Imagem 2 apresenta um registro realizado nas ruas do Rio de Janeiro no início do século XX.

Imagem 2 – Fotografia de Madame Lima Castro e sua filha Bebé Lima Castro



Fonte: *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 1907.

O texto que descrevia a fotografia era o seguinte: “Depois de examinarem a ‘vitrine’ do Bazin, encaminham-se para a estação do Jardim Botânico, Mme. Lima Castro e sua interessante filha D. Bebé Lima Castro, eximia amadora, cujas cançonetas têm feito delirante sucesso nos salões ‘smarts’ da nossa Capital”.<sup>4</sup> O texto destaca mulheres de elite que foram as compras, mãe e filha, que andam elegantemente pelas ruas da cidade-capital. Elas encarnam e representam a imagem da mulher moderna, conforme análise de Oliveira (2010, p. 209):

A imagem da nova mulher parecia na imaginação do cronista e do fotógrafo como uma imagem-espelho da cidade moderna. A mulher e a cidade representavam uma feminilidade objetificada, mercantilizada. Ambas eram construídas para despertar um espetáculo atraente, erótico, centrado no fetiche. [...] Eram imagens que exibiam uma visão de mulher sob uma nova ótica, que transcendia suas velhas atribuições.

A mulher burguesa se tornou a imagem da cidade moderna, o seu espelho, melhor dizendo. Era através dela que as “maravilhas” da urbe poderiam ser refletidas e/ou materializadas. Podemos dizer que, para os cronistas da revista *Fon-Fon!*, a mulher encarnava o feminino que estava implícito no âmbito citadino. A busca incessante por fotografias que retratassem a mulher nas ruas e avenidas das cidades brasileiras, principalmente das capitais, se tornou uma missão para os colaboradores do folhetim, pois “as novas avenidas pareciam ter sido feitas para ela, porque era nas calçadas que se ofereciam um olhar furtivo sobre suas meias de seda” (OLIVEIRA, 2010, p. 211). Se as mulheres não iam às ruas, os

<sup>4</sup> *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 1907.

fotógrafos não podiam captar as imagens valiosas, mas, em alguns casos, as fotografias chegavam até a redação da revista, como é o caso das Imagens 3 e 4.

Imagem 3 – Fotografia das Senhoritas Isaura Botto Barros, Zaia Montalvão e Candoca de Menezes, de Aracajú



Fonte: *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 1914.

Imagem 4 – Fotografia de Mme. Maria Martha Beck (à esquerda) e senhorita Irineia Silva, de Florianópolis.



Fonte: Rio de Janeiro, *Fon-Fon!*, 1916



A revista *Fon-Fon!* possuía agências em muitas cidades brasileiras e o envio de materiais como fotografias eram frequentes. As fotografias acima são oriundas de duas capitais brasileiras: Aracaju (Sergipe) e Florianópolis (Santa Catarina). Ambas, assim como a capital federal, passaram pelo processo de modernização e urbanização, embora mais tarde que Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo. É perceptível, nos registros fotográficos publicados pela *Fon-Fon!*, que se tratava de mulheres de elite. O vestuário deixa isso em evidência, como também os gestos comedidos apreendidos pelo ato fotográfico. Nas duas fotos, observa-se a presença de um adereço utilizado pelas senhoras da sociedade, o leque, utilizado para refrescar-se do calor nas cidades litorânea, mas, também, um objeto de sedução..

Muitas mulheres, como as senhoras e senhoritas representadas nas fotografias, eram leitoras ativas da revista, mas nem todas podiam ser fotografadas pelas ruas, pois, apesar de serem símbolos da cidade modernizada, eram privadas de sair para desfrutar do espaço urbano. Como explica Oliveira (2010, p. 218),

[...] moças “inocentes” e “de respeito” não podiam andar pelas ruas da cidade atraindo atenção sobre si. Moças e mulheres “de respeito” também não podiam andar desacompanhadas e deveriam seguir regras estritas no caminhar [...] Como moças elegantes, “decentes” e “discretas”, seus passos [...] eram firmes e rápidos e seus olhos desviados da câmera do fotógrafo. Para não serem vistas como desejosas de participar da liberdade ocular da cidade moderna, não deixavam perceber qualquer sinal de prazer no andar pela Avenida. Pois, no discurso conservador, hesitar, chamar atenção e olhar eram características de uma feminilidade transgressora. O caminhar deveria estar em sintonia com o movimento da cidade moderna, onde todos cumpriam uma função.

Por essa razão, os registros fotográficos poderiam ter sido realizados na segurança dos seus lares ou em estúdios, para, em seguida, serem enviados à redação da revista. Existiam normas rígidas para serem seguidas pelas senhoritas no momento do ato fotográfico no âmbito das ruas. Era necessário seguir tais preceitos para que não se tornassem vítimas de falatórios da sociedade burguesa. Algumas dessas regras também vigoravam quando a fotografia era feita no interior dos lares ou em estúdios especializados. Nos olhares das fotografadas expostas nas Imagem 3 e 4 é possível que constatar que nem todas olham diretamente para as lentes do fotógrafo. Os olhares são sérios e um tanto obscuros, se assim podemos dizer. Um gesto, uma pose ou um olhar poderiam dizer muito. Algumas vezes, como destaca Oliveira (2010, p. 2016), “as mulheres pareciam querer se mostrar sedutoras aos olhos do fotógrafo e do cronista por meio da utilização de uma linguagem corporal que partia do domínio do recato e do pudor”.

Um ponto que também deve ser evidenciado é que, mesmo enaltecendo a figura feminina burguesa como símbolo de uma cidade moderna, quando cronistas e fotógrafos se debruçavam sobre as ruas em busca de um registro perfeito, a *Fon-Fon!* não se engajava em lutas e discursos e pautas feministas, a exemplo do sufrágio feminino. Afirma Macena (2010, p. 60):

Assim, segundo a receita da *Fon-Fon!*, as mulheres para serem civilizadas deveriam ser “belas, jovens e modernas”, sem abrir mão, porém, de pautar seus comportamentos

a partir de padrões pré-estabelecidos de condutas, informados pela lógica da divisão sexista dos papéis sociais, que a modernidade não mudou, mas pelo contrário, reafirmou. A modernidade seria mudança bem vinda em vários aspectos, dentre eles, a modernização das cidades, o progresso material e moral e as inovações tecnológicas, como afirmamos anteriormente. Mas, quando vão de encontro aos comportamentos definidos como femininos, o que possuía valor era a tradição, a reafirmação dos papéis de gênero tradicionais. Para a revista, os novos comportamentos femininos, se radicalizados, poderiam desestabilizar a ordem, a base familiar da sociedade, “a moral e os bons costumes”. Nessa lógica, as mulheres modernas deveriam ter seus limites de ações e de atuação bem delimitados, para não se tornarem perigosas.

A revista *Fon-Fon!* representava as mulheres burguesas, ou, trazendo para nosso tempo, as “belas, recatadas e dos lares”, e não assumia lutas essenciais que já eram travadas pelo público feminino em outros lugares do mundo, como, por exemplo, o sufrágio feminino. Pelo contrário, o folhetim reforçava a divisão das esferas e seus respectivos donos (mulher = privado, homem = público). Apesar de intitular as mulheres como figuras de proa da modernidade nascente, efetivada nas reformas urbanas, a revista acreditava que as mulheres modernas eram justamente aquelas que obedeciam à ordem dominante patriarcal, fortemente em vigor nas primeiras décadas do século XX. Logo, o público feminino era moderno *de fato*, mas não *de jure*, e assumir pautas e reivindicações femininas era ir no sentido contrário a uma cultura vigente estritamente masculina.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao representar o público feminino em suas páginas, a revista ilustrada *Fon-Fon!* buscou atribuir às mulheres, em sua totalidade pertencentes à elite, o epíteto de “mulher moderna”. No entanto, tal alcunha não vinha por conta das lutas femininas correntes no início do século passado, mas sim da necessidade de comparar a cidade moderna à alma feminina, criando, assim, uma fetichização do espaço urbano.

A mulher pobre, por sua vez, não tinha espaço nas páginas da revista, pois elas não estavam aptas a vivenciar o processo de modernização e civilização, porque estavam fora dos comportamentos apreçados como ideais pela sociedade masculina e patriarcal. Por essa razão, andando sozinhas pelas ruas, elas podiam ser vítimas de agressões e violências de todos os tipos.

A representação feminina nas páginas da revista *Fon-Fon!* estava atrelada a um conceito de modernidade oriunda de uma sociedade estritamente masculina, na qual as mulheres apenas deveriam exercer papéis previamente estabelecidos. Ser uma mulher moderna, para além do que já foi visto, também significava ser senhora do lar, boas mães e esposas. Muitas vezes a revista, em seus editoriais, publicou textos sobre isso. A *Fon-Fon!* não fugiu da estrutura masculina e patriarcal. Ela utilizou a figura feminina como símbolo do progresso de uma cidade moderna, o que não era incomum, uma vez que a mulher era representada, também, como alegoria da República, da liberdade que guiou o povo da Revolução de 1830, na França, e não seria diferente com a alegoria da modernidade que despontou nos frenéticos anos de 1920.

## REFERÊNCIAS

- HOBSBAWM, E. J. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, E. J. ; RANGER, T. (org.) *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2015. p. 7-24.
- MACENA, F. F. *Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- MALUF, M. MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. (org.) *História da vida privada no Brasil*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.
- NEEDELL, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OLIVEIRA, C. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: Oliveira, C.; VELLOSO, M. P.; LINS, V. (org.). *O Moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- OLIVEIRA, C. Rio Femme - Mulher Rio: a representação do amor e da sexualidade nas revistas ilustradas cariocas *Fon-Fon!* e *Para Todos...* (1900-1930). *ArtCultura*, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 202-213, jan-jun. 2008.
- PERROT, M. *As Mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.
- REVISTA FON-FON!, Ano I, n. 6, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1914.
- SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil Urbano. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

Data de submissão: 10/05/2022

Data de aprovação: 03/04/2023

Copyright (c) 2023 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)